

Trazer Fidel de volta é o desafio do nosso tempo.

Fidel Castro foi a figura política mais importante da América Latina ao longo do século XX. Por essa razão, a comemoração do centenário de seu nascimento suscita tantas reflexões e homenagens. O líder cubano desafiou o imperialismo americano a partir de uma pequena ilha e liderou a primeira revolução socialista vitoriosa no continente. Esse resultado o transformou na principal figura de proa das organizações de esquerda e na personalidade mais importante de toda uma era.

Claudio Katz*

Fidel Castro foi a figura política mais importante da América Latina ao longo do século XX. Por essa razão, a comemoração do centenário de seu nascimento suscita tantas reflexões e homenagens.

O líder cubano desafiou o imperialismo americano a partir de uma pequena ilha e liderou a primeira revolução socialista vitoriosa no continente. Esse resultado o transformou na principal figura de proa das organizações de esquerda e na personalidade mais importante de toda uma era.

A ESTREIA REVOLUCIONÁRIA

Fidel personificou, por meio de suas próprias ações, as tendências da luta anti-imperialista e de um futuro pós-capitalista. Do ataque ao Quartel Moncada à entrada triunfal em Havana, ele comandou a batalha vitoriosa contra a ditadura de Batista. Forjou uma força guerrilheira, adaptando-a a um estilo de luta em consonância com as tradições de seu país.

Inicialmente, ele não adotou explicitamente os princípios socialistas. Liderou um movimento nacionalista que mesclava ideias marxistas com um anti-imperialismo radical. Definiu-se como leninista e comunista utópico, mas atuou em organizações nacionalistas revolucionárias inspiradas pelo legado de Martí.

Fidel personificou essa união em seu ativismo dentro do Partido Ortodoxo, na formação do Movimento 26 de Julho e na convergência com o Partido Comunista. Por meio dessa prática, corroborou a dinâmica emancipadora na América Latina. Em uma região tão condicionada pela dominação estadunidense, confirmou que o desenvolvimento dos processos de libertação se dá por meio da convergência do anti-imperialismo com o socialismo.

Desde o início, ele demonstrou notável perspicácia, autonomia e inteligência política. Aderiu aos ideais socialistas sem aceitar os ditames do Kremlin.

Reconheceu que tal subordinação levou a erros significativos, como a participação do antigo Partido Comunista do seu país em governos impopulares.

Ele também não endossou narrativas dogmáticas sobre o sujeito revolucionário, que atribuíam o papel exclusivo da transformação social aos assalariados dos centros urbanos. Promoveu uma estratégia combinada de levantes nas cidades e operações de guerrilha no campo, dispensando qualquer doutrina oficial.

Fidel aprimorou sua estratégia por meio de experiências internacionalistas. Ele se inspirou na grande revolta na Colômbia, aprendeu com as adversidades na Guatemala e absorveu o que havia acontecido no México. Ele concebeu a Revolução Cubana como um episódio da emancipação latino-americana, tendo lido Martí e estudado Bolívar. Adaptou essa concepção às diversas circunstâncias que enfrentou ao longo de sua vida.

MATURAÇÃO A PARTIR DO PODER

No início da década de 1960, Fidel pôs em prática o processo de radicalização socialista, que havia concebido anteriormente como resposta à agressão imperialista. Ele não hesitou em seguir esse caminho, enfrentando pressões de todos os tipos. Exigiam anistia para os criminosos da ditadura, e ele impôs a justiça; acusavam-no de abandonar o programa de transformações sociais, e ele concluiu a reforma agrária; chantageavam-no com o fechamento de empresas, e ele ordenou expropriações.

O cumprimento das promessas feitas às planícies foi possível porque ele rejeitou a governança convencional. Ele assumiu o poder efetivo do Estado e, a partir desse controle, determinou o ritmo da mudança. Ele demonstrou na prática como realizar uma transformação revolucionária.

Fidel interpretou os acontecimentos em Cuba como o início de uma onda regional e assumiu grande parte da liderança desse movimento. Ele não apenas colocou todos os recursos materiais e humanos de seu país a serviço da revolução continental, como também atuou como guia e conselheiro da esquerda. Introduziu uma cultura de debate, sugestões e propostas, muito diferente da tradicional abordagem vertical que prevalecia no movimento comunista internacional. Buscou a unidade e tentou superar o sectarismo, promovendo políticas que se opunham à conciliação com a burguesia.

Ele promoveu corajosamente a guerra de guerrilha, mas reconheceu as desvantagens desse método. Manteve os méritos dessa abordagem e viu a vitória sandinista como confirmação dessa vantagem. No entanto, mostrou-se cauteloso quanto à sua aplicação indiscriminada.

Ele elogiou Che Guevara como a maior figura da América Latina, mas desaconselhou o momento e o local de suas ações. Fez a mesma advertência em outros casos, mas sem interferir nas decisões de cada facção da esquerda. Fidel liderou pelo exemplo, através da solidariedade, sem agir como um profeta. Ele nunca se viu como um guia infalível para outras forças políticas.

A participação das forças armadas cubanas nas guerras de Angola e Moçambique e nos conflitos no Congo e na Namíbia foi prova de sua colaboração revolucionária altruísta. Essas intervenções foram decisivas para o fim do apartheid na África do Sul, demonstrando seu profundo compromisso com o internacionalismo.

Fidel concebeu a ação revolucionária a partir do interior de um bloco geopolítico e global progressista. Ele compreendeu a necessidade de participar do chamado bloco socialista, não apenas para resistir ao ataque do gigante norte-americano contra uma pequena ilha caribenha. Ele entendeu que essa esfera era indispensável para reforçar o apoio econômico e militar de um projeto internacional transformador.

Ele sabia que a liderança soviética era hostil à ação revolucionária, e foi por isso que enfrentou tantos desentendimentos com o Kremlin após a crise dos mísseis. Sempre agiu de forma realista, elaborando planos de batalha contra o principal inimigo. Dessa forma, buscou pavimentar o caminho para as vitórias do socialismo.

NOVOS DESAFIOS

O colapso da URSS alterou sua perspectiva e prioridades. Ele teve que lidar com a provação extremamente difícil do "Período Especial" e deu um exemplo de como reagir a um cenário catastrófico. Ele demonstrou a importância do heroísmo ao enfrentar tal adversidade.

Com o fim do período de isolamento total de Cuba, Fidel recuperou a centralidade no novo panorama do ciclo progressista. Em meio às rebeliões e aos novos governos, Havana tornou-se um polo de conferências da esquerda latino-americana, com o Comandante debatendo estratégias de radicalização muito diferentes da era anterior.

Durante esses anos, ele observou que a revolução não era a ordem do dia, mas tendia a ressurgir. Ele atribuiu essa recorrência à opressão, à desapropriação e aos cataclismos gerados pelo capitalismo dependente. Ele situou o epicentro de qualquer mudança significativa nas revoltas populares e elogiou as revoltas que derrubaram diversos governos neoliberais.

Ele também destacou a crescente importância de novos atores sociais, como o movimento indígena. Fez isso com sua cautela habitual, sem universalizar a

influência desse setor. Manteve o mesmo cuidado que demonstrara anteriormente ao se referir ao proletariado industrial.

Seguindo sua prática habitual, ele imediatamente traduziu suas opiniões em iniciativas políticas e estabeleceu relações próximas com Lula, Kirchner, Evo Morales e Hugo Chávez. Recriou o mesmo estilo de diálogo direto e pessoal que mantinha anteriormente com Salvador Allende. Usou sua influência para contrabalançar a pressão exercida pelos social-democratas determinados a promover a continuidade do neoliberalismo.

Seus sermões contribuíram para a derrota da ALCA e impulsionaram as iniciativas que levaram às Conferências contra a dívida externa e ao surgimento da ALBA. Fidel foi fundamental na construção do bloco latino-americano, que posteriormente passou por inúmeros altos e baixos.

Durante esse período, o internacionalismo dos médicos cubanos assumiu maior importância do que sua solidariedade militar. Transformou também a batalha de ideias em um pilar da luta contra a direita. Além disso, aprofundou sua crítica ao capitalismo e enfatizou a natureza intrinsecamente destrutiva desse sistema. Chegou mesmo a reformular sua visão do socialismo, oferecendo sugestões mais abertas sobre o perfil futuro de uma sociedade igualitária.

As conversas que teve com Chávez personificaram essa maturidade, pois Fidel encontrou no líder venezuelano seu melhor discípulo. Ele atuou como um grande conselheiro sobre a experiência bolivariana e sugeriu ao seu homólogo caribenho que não se sacrificasse diante do golpe de 2002. Encorajou-o a abraçar uma liderança que emergiu com uma velocidade sem precedentes. Em sua frutífera troca, os dois líderes alcançaram completa harmonia. Chávez amadureceu como um socialista revolucionário forjado na esfera militar, compartilhando a estratégia de Castro de radicalizar os processos de mudança.

Essa convergência foi objetivamente reforçada pela brutal pressão que ambos os países sofreram do imperialismo estadunidense. A CIA orquestrou os mesmos ataques, provocações e conspirações em Cuba e na Venezuela. O atual chefe dessas operações, Marc Rubio, é um protegido direto da máfia de Miami. A partir daí, alimenta-se a campanha de mentiras propagada há décadas pela imprensa imperialista.

Os fantoches da intervenção militar dos EUA se autodenominam democratas, enquanto os defensores da soberania nacional são tachados de ditadores. Contra esse mundo de cabeça para baixo, a voz de Chávez trovejou com a mesma força da de seu mentor.

COMPROMISSO RENOVADO

O legado duradouro da conduta de Fidel Castro é evidente na atual reação do povo cubano ao cerco imperialista. Enquanto Trump proclama sua intenção de "tomar a ilha e fazer dela o que bem entender", os preparativos para a resistência na ilha se intensificam a cada dia. Os dois slogans das marchas massivas falam por si: "Sempre em frente rumo à vitória" e "Que ninguém espere rendição".

Trump está envolvido em grandes provocações. Sua frota cerca a ilha e está testando as águas para um desembarque de mercenários, alguns dos quais já foram mortos. O anúncio de Silvio Rodríguez de que pegará em armas para defender seu país reacende a tradição heroica forjada por Fidel. A batalha atual é tão feroz quanto era na época do Comandante .

A máfia anticubana, operando a partir da Flórida, está fomentando a insatisfação interna, enquanto o Pentágono intensifica uma onda de agressão sem precedentes. Em 60 anos de bloqueio, jamais ousaram impor o atual corte no fornecimento de petróleo. Com esse estrangulamento energético, pretendem provocar uma crise humanitária semelhante à sofrida pelo Haiti. Estão tentando criar apagões generalizados, hospitais paralisados, escassez de água e falta de alimentos.

Mas a mesma dignidade que Fidel trouxe à tona está ressurgindo. O governo está racionando combustível para garantir serviços e atividades essenciais e buscando alternativas em parques solares, ao mesmo tempo que apoia o fornecimento de petróleo por países que estão rompendo o bloqueio.

Navios da Rússia, Turquia e China estão chegando à ilha, enquanto o comboio "Nossa América" desembarca com ajuda humanitária. Dois navios carregados de suprimentos já chegaram do México para demonstrar que "Cuba não está sozinha". Muitos líderes de partidos políticos e organizações sociais estão viajando para a ilha para expressar pessoalmente seu apoio a essa causa. Os ensinamentos de Fidel Castro voltam a ser relevantes.

LEGADO DURADOURO

Fidel se definia como um comunista utópico e promovia especialmente as cooperativas na esfera econômica. Ele incentivou esse modelo na agricultura, juntamente com a nacionalização de outras atividades. Ele e Che Guevara eram muito hostis a qualquer introdução do mercado. Ele rejeitou o modelo de autogestão da Iugoslávia e apoiou a invasão soviética da Tchecoslováquia porque via com apreensão as posturas pró-mercado daquela experiência. Mas, ao mesmo tempo, ele se opôs veementemente às nacionalizações forçadas realizadas na URSS durante a coletivização forçada.

Na prática, ele evitou implementar a Nova Política Econômica, proposta por Lenin para combinar o mercado com o planejamento. Sua abordagem era diferente. Ele

esperava integrar a economia cubana a um bloco socialista global em expansão, especializando sua participação em atividades altamente qualificadas.

Esse projeto teve grande visibilidade não apenas na medicina, mas também em outras áreas que envolviam investimentos significativos em educação. Fidel chegou a evitar uma transição para o mercado após o colapso da URSS, pois associava esse caminho à corrupção e à desigualdade. Portanto, durante o "Período Especial", ele centrou a resistência na vontade, na convicção e na solidariedade.

De sua posição no governo, ele apoiou lojas especiais que vendiam mercadorias em moeda estrangeira, joint ventures e o desenvolvimento do turismo, mas apenas como medida defensiva. Ele sempre encarou a trajetória econômica da China com aversão. Manteve essas reservas mesmo durante o período de crescimento econômico impulsionado pelo movimento progressista latino-americano. Contudo, ao mesmo tempo, aconselhou cautela em relação à possibilidade de a Venezuela replicar a trajetória econômica de Cuba.

Fidel estudou Lenin como ponto de referência para suas decisões importantes, mas os paralelos entre sua própria figura e o líder bolchevique são inúmeros. Ambos foram estrategistas da revolução socialista, com grande capacidade de adaptar esse projeto às circunstâncias em constante mudança. Na luta por esse objetivo, Fidel deu contribuições muito frutíferas ao pensamento de esquerda.

Acima de tudo, ele defendia a autolimitação no exercício do poder. Exerceu uma liderança insubstituível durante décadas, mas estava ciente dos perigos de um governo tão prolongado. Atribuía grande parte dos infortúnios da União Soviética à gestão autoritária do Estado, com a conseqüente alienação da maioria da população.

Ele interpretou o desastre cambojano como resultado da má gestão delirante de Pol Pot e foi especialmente crítico do despotismo de Stalin. Enfatizou a impossibilidade de construir uma democracia efetiva com líderes cegos pela idolatria e pelo exercício da supremacia sobre os outros. Com essa perspectiva, fez alertas oportunos contra a liderança autoritária na América Latina.

Para sublinhar sua oposição ao culto da personalidade, Fidel recusou a construção de estátuas ou a nomeação de ruas, aeroportos e instituições em sua homenagem. Isso não foi um ato de humildade, mas sim uma mensagem de conduta a ser seguida por toda a esquerda.

Ele também enfatizou repetidamente a importância da ética revolucionária. Inspirou-se em Martí, defendeu Mella e exaltou a estatura moral de Che. Adaptou esses princípios à guerra de guerrilha, exigindo conduta exemplar de suas tropas para garantir a proteção de civis, prevenir a tortura e punir o terrorismo. Estendeu

essa abordagem à governança política, com tolerância zero à corrupção e penas severas para enriquecimento pessoal.

Esse legado foi abraçado conceitualmente pela vertente humanista do marxismo latino-americano, que prioriza a influência do indivíduo sobre o condicionamento das estruturas. Fidel alinhou-se claramente às correntes historicistas do marxismo, que jamais aceitaram o fatalismo das forças produtivas como princípio norteador.

Por essa razão, ele atribuiu grande importância à educação e à expansão da cultura. Concebeu a criação do “homem novo” como uma síntese de compromisso, ativismo, dedicação revolucionária e ampliação dos horizontes culturais. Com essa base, enfrentou a batalha de ideias em diversos campos. Defendeu o ingrediente moderno da racionalidade como a pedra angular de um mundo emancipado da exploração capitalista.

Fidel se definia como um indivíduo otimista, o que era naturalmente coerente com sua liderança revolucionária. Ele jamais teria conseguido tantas conquistas sem grandes expectativas pelo triunfo dos oprimidos. Ele sempre representou um nítido contraste com a amargura, o cinismo e a descrença.

A inspiração para toda uma geração jamais aceitaria uma avaliação nostálgica de sua obra. Ele exigiria que nos lembrássemos dele com os olhos fixos no futuro da sociedade igualitária que ele idealizou e que devemos construir. Retomar o legado de Fidel é o desafio do nosso tempo.

*Economista, investigador del CONICET, profesor de la UBA. Su página web es: www.lahaine.org/katz